

PENSAMENTOS E PRÁXIS FREIRIANA: CONTRIBUIÇÕES POLÍTICO-PEDAGÓGICAS DE ELZA FREIRE PARA A CONVIVÊNCIA HUMANA

Nima Imaculada Spigolon

Doutora/UNICAMP

professoranima@gmail.com

RESUMO

O artigo apresenta resultados de pesquisa, objetivando contribuir para a educação brasileira, em particular a educação de jovens e adultos, instrumentalizados pelos percursos de Elza Freire. Sua caracterização acontece no recorte temporal entre 1916/1964, sendo que assume outra dimensão a partir do casamento com Paulo Freire em 1944, com ênfase no diálogo e na convivência humana. Ao analisar a sistematização, fundamentação e consolidação das experiências com Adultos no período, ou seja, a gênese dessa educação no Brasil, o foco se dá na atuação dela, buscando ampliar e compreender as ambiências político-pedagógicas e socioculturais das quais emergem os sujeitos, as configurações do período e os trabalhos realizados. As evidências empíricas, os dados e as análises apontam para a ressignificação desse campo de estudos, ao identificar as participações e influências de Elza Freire, tanto para a educação de Adultos quanto para o pensamento e a práxis de Paulo Freire.

Palavras-chave: Elza Freire. Paulo Freire. Educação de Adultos. Pedagogia da Convivência.

ABSTRACT

This article presents results from a Masters research, aiming to demonstrate contributions and influences to the Brazilian education and, in particular, to the education of young and adults based on the premises of Elza Freire. Its characterization happens during 1916/1964 and assumes another dimension from the marriage with Paulo Freire in 1944 on, with an emphasis on dialogue and human coexistence. By analyzing the systematization, foundation and consolidation of experiences with adults in the period, in other words, the genesis of this education in Brazil, the focus is given on her acting, seeking to expand and understand the political, educational and socio-cultural ambience in which subjects emerge, settings of the period and the work done. The empirical evidence, data and analyzes point to the re-signification of this field of study, by identifying the interests and influences of Elza Freire, both for Adult education, as for the thought and praxis of Paulo Freire.

Keywords: Elza Freire. Paulo Freire. Adult Education. Pedagogy of Coexistence.

Introdução

O artigo se insere num escopo mais amplo de pesquisa e, para o momento, apresenta resultados de estudos e reflexões relacionados à educação, em particular à educação de jovens e adultos no Brasil, a partir dos percursos de Elza Freire² entrelaçados ao de Paulo Freire e vinculados aos trabalhos com educação, contemplados entre 1916/1964.

Mediante proposta de analisar a sistematização, fundamentação e consolidação das experiências político-pedagógicas com adultos analfabetos, que nos remete à gênese desta educação no Brasil, utilizamos de seus percursos pessoais, formação intelectual e atuação profissional, com ênfase na sua participação nos processos, tendo em vista ampliar e compreender cenários de época e configurações históricas, sociais e culturais.

Haddad (2000), Machado (2000), Ribeiro (1999), Soares (2002), dentre outros apontam ser incipiente a ideia de se produzir estudos específicos nessa área, apesar de ser crescente o número de pesquisas em torno da educação de jovens e adultos. Sobre Elza, particularmente, são desconhecidos pesquisas e estudos, fundamentando o ineditismo das fontes e a originalidade do tema na conjuntura das discussões científico-acadêmicas.

Em retrospectiva, perpassamos sua escolarização e formação profissional nas décadas de 1920/40, o casamento com Paulo Freire em 1944, os serviços prestados ao ensino público de 1943/64. Os primeiros tempos com as atividades nos Círculos de Cultura, no Movimento de Educação de Base (MEB) e no Movimento de Cultura Popular (MCP), em Recife e Angicos, depois São Paulo, e Brasília com o Plano Nacional de Alfabetização, entre 1950/1964, drasticamente interrompidos pelo golpe civil-militar em 1964.

Buscamos apresentar a educadora e intelectual, cuja teoria e prática se imbricaram ao pensamento Freiriano, marcado pelo casamento, quando a pesquisa assume outra dimensão. A partir de então, a composição do artigo traz a “Pedagogia da Convivência”, que fundou e fomentou as bases político-pedagógicas para os pensamentos e as práxis de Paulo Freire.

2 Elza Maia Costa Oliveira nasceu em Recife no ano de 1916. Tornou-se professora em 1935. Concursada, atuou como professora e diretora de escolas. Ao mesmo tempo, trabalhou, dentre outros, no MEB, no MCP e nos Círculos de Cultura, até 1964 – quando estava em Brasília para as atividades do PNA e acontece o golpe, tornando-a exilada juntamente com sua família. O retorno ao Brasil se dá em 1979, sendo que ela falece em 1986. Após o casamento com Paulo Régulus Neves Freire, passa a assinar Elza Maia Costa Freire. Todavia, passam a ser conhecidos nacional e internacionalmente como: Elza Freire e Paulo Freire. Ao longo do texto optamos usar Elza para nos referirmos ao sujeito da pesquisa. Remissão a Spigolon (2009, 2014).

Aportes teórico-metodológicos

A pesquisa se articula por meio de uma triangulação teórica, metodológica e empírica fundamentada na abordagem qualitativa e entremeada por intertextualidades. Elza encontra-se na interface desses aportes, estruturados segundo perspectivas de análise como, por exemplo: o Nordeste e o Recife; a efervescência dos fatos político-pedagógicos; as situações de gênero; as condições nas quais emergem os sujeitos; as redes relacionais e institucionais.

Quanto à estrutura metodológica, optamos pelo mapeamento bibliográfico, seguido da coleta e agrupamento de dados, apresentação preliminar dos manuscritos inéditos de Elza e, por fim, as narrativas³. Ao mesmo tempo, trabalhamos com um conjunto de fontes primárias, documentais e não documentais, iconografias, acervos públicos e pessoais.

Aportes da abordagem qualitativa se organizam segundo uma lógica indutiva. Bogdan e Biklen (1994) fundamentam a aquisição de dados descritivos, conseguidos pelo pesquisador diretamente como fato a ser pesquisado, com maior ênfase no processo de constituição do que em seu produto final, preocupando-se em destacar as perspectivas dos sujeitos. Essa possibilidade, permitida pela interação com e entre o sujeito da pesquisa, afigura-se relevante nesse campo de estudo. Elza permanecia como que marginalizada assim como se faz ainda nessa modalidade de ensino. Portanto:

[...] são qualitativas as pesquisas que privilegiam o sentido dos fenômenos sociais compreendo-os, como no caso da educação, pelo seu processo e pela experiência humana envolvida, mais que pela explicação de seus eventuais resultados (MONTEIRO, 1998, p.20).

Os anos para descrição, análise e interpretação vão de 1916 a 1964, expostos em ordem cronológica, tendo em vista o movimento entre documentos, fatos e fragmentos, uma vez que Elza é o sujeito que regula e configura as temporalidades da pesquisa. Após esse período, e em continuidade da pesquisa, demarcado com o golpe de 1964, a ditadura e o exílio brasileiro, há que se destacar o fato de o *corpus* teórico e metodológico se dilatar e se expandir alcançando perspectivas que assumem outros meandros.

³ Adotamos as conceituações de Benjamin (1994), pois ao se utilizar o narrador objetiva-se recuperar o que foi perdido, sobretudo por meio da rememoração poética, de quem sabe lidar com o silêncio e o esquecimento.

Muitos cenários – um tempo, uma época, uma mulher

O escopo indica que os percursos de Elza não se alicerçam a um período e a uma vertente biográfica, na medida em que são descritos e analisados a partir de uma realidade coletiva e não como aspecto particular. As dimensões individuais, sociais e históricas superam a perspectiva biográfica, antes de serem dimensões da vida em polos opostos elas se complementam (ELIAS, 1994, 1998), conduzindo a esquivar-nos da ilusão e do “relato apaixonado” (BOURDIEU, 1998, p. 184), embora existam momentos em que as objetividades fundantes da pesquisa se mesclam às subjetividades da pesquisadora.

Como os muitos cenários – um tempo, uma época, uma mulher –, as multifacetadas de Elza coadunam no nosso entendimento, com a multifacetada obra de Paulo Freire (SCOCUGLIA, 2001) ao tratar de inúmeras questões, que devem ser debatidas dentro da amplitude de seus conceitos e suas premissas, do contexto de seu pensamento complexo, que esteve sempre em construção, passível de análise dentro de seu inscrever-se histórico.

A atualidade do pensamento e da práxis Freiriana é essencial para referenciar as contribuições de Elza e vice-versa, que versam sobre as possibilidades de estudos e análises (críticas e reflexivas) ao espectro de sua multifacetada participação na feitura das propostas de Paulo Freire e das de educação de adultos, perspectivadas na convivência humana, como ilustra o excerto abaixo:

Conheci inicialmente Elza através do que Paulo me contava, e quando se referia a ela, fazia uma pausa ao falar e seus olhos tomavam a dimensão do amor; o que Paulo falava mostrava que Elza não era apenas a esposa, a mãe dos filhos, a amante, mas também, e com muita ênfase a companheira de luta, a companheira comprometida com o trabalho libertador (ORNELAS, 1987, s/p. – tradução nossa).

De apontamentos como esse se constitui em parte essa investigação, em torno dos fatos históricos e das concretudes do real, que os levaram juntos a pensar, sentir e construir o arcabouço teórico e prático, político e pedagógico que desde o final da década de 1950 se espalha pelo mundo, revolucionando países e povos, mantendo-os presentes nas memórias, ações e intenções.

Lutgardes (2005, s/p.) expressa essa condição ao dizer: “Fui convidado para esta homenagem ao meu pai, mas eu gostaria de falar a respeito da minha mãe, Elza Freire, porque muitas vezes os grandes homens aparecem no mundo, na mídia e as suas esposas ficam na penumbra”. Suas palavras vêm na sequência de uma série de enunciados investigativos da pesquisa, pois sendo convidado para prestar uma

homenagem ao pai, homem, enfatiza que falará sobre a mãe, mulher.

Esse discurso faz destacar uma espécie de “agorafobia”, socialmente imposta às mulheres, ou seja, uma censura às formas de expressão pública, verbal ou mesmo corporal. Por terem sido “negados” às mulheres os espaços públicos, sentem-se condenadas a espaços separados, se veem, então, acometidas por “agorafobia”, o que as conduz “a se excluírem a si mesmas do agora” (BOURDIEU, 2002, p. 45).

Decorrem daí indagações que nos instigam sobre a dialeticidade da convivência e os possíveis motivos de uma realidade em seu “aparente” desconhecimento ou certo “descaso”:

Embora Elza não tenha sido, nem seja anônima, ao contrário, está presente no conjunto da sua obra, pouco figura entre os leitores e analistas da obra de Freire como uma das grandes presenças no processo construção/sistematização do seu pensamento. Não é de estranhar que ela figure apenas entre aqueles que com ela tiveram oportunidade de convivência, visto que, o sentido corrente atribuído aos intelectuais e à vida acadêmica não a incluiu (SANTIAGO, 2000, p. 76).

Isso desperta questões cruciais: aqui problematizamos os porquês, como e quando de Elza aparecer e desaparecer e agora damos visibilidade à sua atuação, presença e participação. As indagações e questões anunciadas se prestam a dialogar com uma pedagogia da pergunta (FREIRE; FAUNDEZ, 1985).

Do início das experiências e atividades político-pedagógicas

O ano de 1916 viu nascer Elza no Recife, aos 16 de junho. Sua escolarização ocorreu na perspectiva educacional da época e perto de casa na Escola da Profa. Maria Elisa V. de Medeiros, educadora sensível à arte, à política e ao humano. Depois, num contexto de transição, durante o início da divulgação da Escola Nova, em meados de 1930, deu-se a continuidade de seus estudos em Olinda na Academia Santa Gertrudes⁴.

Em seguida, é recebida novamente em Recife pela Escola Normal⁵. Inserida num momento histórico de grandes acontecimentos, como a crise de 1929 no cenário econômico e mundial, e, no cenário nacional, a publicação do Manifesto dos Pioneiros de 1932, ilustrando as questões políticas e educacionais, alia-se à era Vargas. A Escola Normal dá início a sua carreira, outorgando-lhe

⁴ Trata-se de uma escola centenária, confessional católica, de ensino tradicional e particular, localizada no centro histórico de Olinda, sob a direção das Irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing, Alemanha.

⁵ Tornou-se referência na formação de professores e era tida como celeiro de ideias e das reformas educacionais, uma vez que as suas matizes se encontravam a par da atmosfera política e pedagógica da época.

o título de Professora do Ensino Primário Oficial em 1935.

Com a perspicácia de poucos educadores, certamente gerada no próprio clima do momento e da Escola Normal, soube no processo depurar do ideário da Escola Nova idéias que uniu a outros pensamentos e formas, embasando seu trabalho político pedagógico (SANTIAGO, 1987, p. 29).

Posições políticas assumidas por Elza ao dizer: “Escolhi ser professora por mim mesma, desde cedo” (FREIRE, E., 1980, p. 202) reafirmam escolhas. Ao analisarmos essa citação, há que se questionar em que momento se inicia a formação de professores? Esta tem sua gênese a partir do momento em que o professor se mostra ao mundo. Então, de acordo com Nóvoa (1992, p. 26), “a formação está indissociavelmente ligada à produção de sentidos, sobre as vivências e sobre as experiências de vida” e o professor, ao realizar sua prática pedagógica, está ali com todos os elementos que constituíram a sua história.

É preciso estabelecer a análise crítica ao reconhecer que a entrada feminina nas escolas normais oportunizou o acesso à instrução pública, favorecendo o processo de inserção profissional às mulheres. Louro (1995) entende que isso se deve ao processo de urbanização e expansão da industrialização do país, que ampliou as oportunidades de trabalho aos homens e ocasionou o movimento que daria origem à “feminização do magistério”. Isso marcou sua vivência político-pedagógica, seja na condição de mulher, seja no papel de professora.

A implementação do capitalismo industrial no Brasil, a partir de 1930, determinou nova organização das relações sociais, econômicas, políticas, culturais e, também, mudanças estruturais; por conseguinte, o surgimento de novas exigências educacionais. Em meio a essa realidade, Elza, após concluir o Normal, ingressa no Instituto Pedagógico do Recife⁶, inicialmente como aluna, depois como professora mediante convite por seu desempenho. Conforme diz: “realmente me especializei em alfabetização” (FREIRE, E., 1980, p. 203), fato que demonstra seu interesse já naquela época de dedicar-se à formação continuada.

Concomitantemente, desenvolvemos a compreensão do ideário pedagógico da época e a relevância das instituições para a formação e o exercício da profissão de Elza, procurando extrair os fundamentos de sua teoria e práticas pedagógicas ao estabelecer o movimento histórico, com base nos aspectos políticos-educacionais e socioeconômicos.

Em janeiro de 1943 Elza é aprovada em concurso público e nomeada professora da rede estadual de Pernambuco. Entre 1943/1947, lecionou

⁶ O Instituto Pedagógico do Recife, na época, “era uma casa de aperfeiçoamento de professores, uma vez que a formação inicial não dava conta do bom exercício da profissão” (SILVA in SANTIAGO, 1987, Anexo).

no Instituto Pedagógico, em 1948/1949 na Escola de Especialização, onde de 1951/1953 exerceu o cargo de diretora. Em novembro de 1953, foi diretora Padrão I da Escola Mota e Albuquerque. Lecionou na Escola Clotilde Meira em 1954. No período de 1954/1956, retornou para a Escola Mota e Albuquerque. De janeiro de 1956 até 1964, foi dirigente Padrão da Escola Caio Pereira e da Escola Joaquim Nabuco, partindo em seguida para o exílio⁷:

Elza era professora, uma educadora pra mim de um senso, uma sensibilidade prática enorme, com uma capacidade de entender sua própria prática também, muito sensível... Ela falava pouco, mas observava muito, era muito querida pelos colegas, pelos alunos, e fez bonita carreira pedagógica no Recife (FREIRE, 2005, p. 288).

Se nas práticas pedagógicas de hoje as diferentes tendências se cruzam e entrecruzam, em décadas anteriores há situações semelhantes. Outro aspecto de destaque é a sensibilidade e o envolvimento determinantes para sua prática e luta pedagógica no campo da arte, da educação e da conscientização, ampliada para a alfabetização, tanto com adultos em seus universos vocabulares dos Círculos de Cultura, do MEB e MCP, quanto com as crianças.

Elza registra pioneirismo com inovações pedagógicas e reforça seu comprometimento com a educação pública, quando nos anos 50, “foi uma das pioneiras na integração da Arte na Escola Pública, enfatizando as produtivas implicações do fazer artístico no processo de alfabetização” (BARBOSA, 2005, p. 20). Concluindo, se apresentam posicionamentos de vanguarda, pois a primeira experiência de alfabetização através da arte em escola pública se deu com Elza diretora de escola, assim como as primeiras experiências com adultos analfabetos no poço da panela e com as palavras geradoras no entorno de Recife e Angicos.

Durante a investigação foi possível identificar posturas de Elza, caracterizando sua aguçada sensibilidade e intuição, que lhe possibilitavam estar atenta às necessidades, interesses e motivações dos educandos. Uma vez que “o seu gosto pela alfabetização e, em especial, pela popular a fará uma educadora apaixonada pelo seu fazer teórico-prático e pelos educandos – objeto da sua ação e sujeitos da própria aprendizagem” (SILVA in SANTIAGO, 1987). Elza intelectual, política, diretora e professora vai afirmando compromisso libertador e transformador, que foi incorporado pela formulação e implementação de políticas públicas para educação de adultos na década de 1960, ao lado de Paulo Freire.

⁷ Informações contidas também em: Elza Freire (1980, p. 201) e Spigolon (2009; 2014).

Nesse processo, Elza demonstrava autoridade de quem conhecia e compreendia as manifestações da condição e da natureza humana. Sabia que elas se expressavam de variadas formas, como quem fazia do ato pedagógico um ato político, transformando sua teoria sobre o complexo ato pedagógico num ato de amor. Do qual se pode concluir que para o casal Elza e Paulo: “No fundo o ato pedagógico é muito amoroso também. É uma coisa assim radicalmente amorosa” (FREIRE; GUIMARÃES, 2001, p. 117).

Essa percepção torna possível analisar e classificar sua prática pedagógica, sua luta política, sua coerência profissional, ao perscrutar que:

A disposição acolhedora que inclina a fazer seus os problemas do pesquisado, a aptidão a aceitá-lo e a compreendê-lo tal como ele é, na sua necessidade singular é uma espécie de amor intelectual: um olhar que consente com a necessidade, à maneira do “amor intelectual de Deus”, isto é, da ordem natural, que Spinoza tinha como forma suprema do conhecimento (BOURDIEU, 2001, p. 704).

Elza aprofundou estudos; ampliou atividades com a arte e educação; compôs equipes técnicas; integrou e fundou instituições; socializou experiências em alfabetização; formou formadores; aliou conhecimento científico e técnico ao político-pedagógico. Citações que demonstram a qualidade nos momentos vividos, marcas de Elza: “Penso assim porque gostosamente me realizei” (FREIRE, E., 1980, p. 200). Os seus compromissos com a educação de modo geral e, de modo particular com a educação de adultos, compreendem o ensino público no Brasil, numa perspectiva humana, crítica, politizada, reflexiva e científica.

Consideramos que ela manifesta-se na descrição de teorias e práticas político-pedagógicas idealizadas e realizadas por meio do processo de humanização, quando condensa a desmistificação radical da condição humana e, ao fazê-lo, traz a beleza de reconhecer as possibilidades do ensinar-aprender pela diversidade e alteridade: “temos realmente muito que aprender de um povo que vive tão intensamente a unidade entre a palavra e o gesto. O indivíduo aqui vale enquanto gente” (FREIRE, E. in FREIRE, 1978, p. 39).

A cultura e a luta social configuraram-se como principais referenciais utilizados nos processos de ações e interações político-pedagógicas estabelecidas por Elza. A educação foi apontada como recurso que proporcionou trabalhos, questionamentos e reflexões entre teoria e práxis demonstradas por ela nas citações escolhidas, aqui analisadas, e que são capazes de registrar princípios teórico-metodológicos que nortearam suas experiências com a educação, aliando as dimensões humanidade, conhecimento e realidade.

Pedagogia da Convivência⁸: o casal Freire - Elza e Paulo



FIGURA 1: O casal Freire: Elza e Paulo Freire. Recife, Brasil, 1955.

FONTE: Acervo pessoal de Doralice de Melo, cedido à pesquisadora, disponível em Spigolon (2014, p. 101).

Elza mulher, nordestina, normalista, concursada; pioneira da arte-educação no ensino público. Esposa, companheira, educadora, intelectual, sistematizadora das palavras geradoras, precursora na formação de educadores. Casou-se com Paulo Freire em 1944, dessa união tiveram cinco filhos: Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes. Mãe, amiga, irmã; lutadora em prol das causas educacionais e humanitárias, engajada no trabalho libertador e nas atividades sociais, políticas e culturais.

A educação circunstancialmente os aproximou: “foi nesta época, que Paulo conheceu Elza Maia Costa Oliveira, uma professora de pré-escola que marcaria, definitivamente, a sua vida pessoal e profissional” (BARRETO, 2004, p. 22). A declaração revela esferas da vida que resultam na formulação de uma Pedagogia da Convivência.

Consideramos as aproximações entre o casal Elza e Paulo Freire, consequências advindas de um contexto não só acadêmico, mas a partir do qual se podem produzir outros.

Para reforçar nossa hipótese em torno da “Pedagogia da Convivência”, a Pedagogia Freiriana traz em seu bojo conteúdo significativo de Elza, o que autoriza reconhecer e discutir indícios da relação político-pedagógica, amorosa. Nas palavras de Paulo: “[...] devo a Elza, na feitura da Pedagogia [...] acho que uma das melhores coisas que podemos experimentar na vida, homem ou mulher, é a boniteza em nossas relações [...] Foi esta a experiência que com Elza vivi” (FREIRE, 1992, p. 64).

Relações nais quais as influências não se apresentam estanques, contemplam aspectos cognitivos e afetivos, que mediatizadas por uma Pedagogia da Convivência possibilitam um processo capaz de impedir ou

8 Perspectiva formulada inicialmente pela autora (SPIGOLON, 2009; 2014) a partir das relações estabelecidas por Elza e Paulo Freire no campo da Educação, após o casamento. Apresenta a convivência deles, que se encontram e se influenciam mutuamente também destacadamente na Educação de Adultos, e juntos desenvolvem equações teóricas, metodológicas e práticas inovadoras e emancipadoras. É o processo político-pedagógico como possibilidade dialética capaz de impedir ou minimizar a dicotomia entre os sujeitos e a realidade existencial.

minimizar a dicotomia entre eles e a realidade existencial. Freire destaca: “Elza na verdade, exercia uma influência extraordinária sobre mim do ponto de vista existencial e do ponto de vista intelectual. Eu deveria dizer ‘antes de Elza’ e ‘depois de Elza’” (FREIRE; HORTON, 2003, p. 83).

Pedagogia da Convivência se fundamenta inicialmente nas categorias Freirianas, às quais se agregam as categorias surgidas com a pesquisa denominadas Elzarianas, traz como referenciais o “pensar”, o “fazer”, o “falar” e o “sentir”, partindo do princípio de que a convivência pelo encontro em si é uma relação de conflito, diálogo e dialética. Ou seja, é através dessa convivência, dos “saberes diferentes” que o conhecimento é produzido, compartilhado, mediante os processos de ensinar-aprender, pautado na “amorosidade”, “criticidade”, “liberdade” e “conscientização”. Trazemos para o campo acadêmico-científico essa convivência entre Elza e Paulo Freire, transformando-a em perspectiva analítica, a partir das pesquisas já realizadas e em curso⁹.

Lutgardes (2005, s/p.) assegura contribuição nesse sentido: “Portanto, é difícil falar de Paulo Freire sem falar de Elza Freire, porque ela foi uma grande educadora, uma grande pensadora”. Declaração que ratifica as análises e a hipótese formulada de que, para melhor compreender a dimensão do pensamento e da práxis Freiriana, há que se agregar Elza. Daí analisarmos as influências e participações de Elza na própria consolidação de um conjunto de propostas¹⁰ forjadas por Paulo Freire. A aproximação pedagógica dele está relacionada à sua forma de inserção nesse contexto, cujo resultado em parte se atribui a Elza, como se constata: “Ela influenciou-me enormemente. Assim, meus estudos lingüísticos e meu encontro com Elza conduziram-me à pedagogia” (FREIRE; MACEDO, 2002, p. 109).

O desenvolvimento desse conjunto de propostas Freirianas está condicionado ao modo de contribuições de Elza. Ampliamos a discussão e destacamo-la enquanto estudante na Academia Santa Gertrudes, em Olinda, na Escola Normal e no Instituto Pedagógico, em Recife. Depois, diretora e professora nas escolas públicas e cursos de formação de professores na Escola de Aplicação, na Escola de Belas Artes. Simultaneamente, pesquisadora de métodos pedagógicos e inovações de práticas de ensino-aprendizagem, alfabetizadora de crianças e de adultos, sistematizadora das palavras geradoras. Enfim, Paulo Freire,

⁹ Fazemos menção às pesquisas em continuidade a essa, sendo que o período subsequente foi desenvolvido no doutorado e recobre 1964 a 1979 (cf. SPIGOLON, 2014). No momento nos dedicamos ao recorte temporal compreendido entre 1980 a 1986. Ressaltamos que os períodos se inserem numa lógica de pesquisa que busca e articula de forma ininterrupta o levantamento e análise do conjunto de fontes documentais e não documentais.

¹⁰ Brandão (2005) apresenta estudos em torno do pensamento e da práxis de Paulo Freire e considera que Freire criou uma proposta educacional revolucionária, incorporando um conjunto de princípios ético-político-pedagógico, em prol da conscientização política, onde educação é prática da liberdade.

contempla a questão da lacuna em sua formação, preenchida com a formação, atuação e contribuição de Elza:

[...] porém eu tenho uma grande deficiência, um grande vazio na minha prática de professor: eu nunca fui professor primário [...] Mas eu nunca tive experiência direta com crianças, nunca alfabetizei crianças. Minha grande experiência com crianças foi com meus filhos mesmo, que hoje são os melhores juízes de Elza e da minha prática de educadores (FREIRE apud BRANDÃO, 1983, p. 93).

À medida que Paulo Freire se apropria das atividades pedagógicas de Elza, referenciando sua atuação como professora e diretora, estabelece aproximações entre eles, desde os movimentos populares até a intimidade privada, nas dimensões públicas e político-pedagógica e cognitivo-afetiva que os assinalava, e interpreta: “porque ela era uma educadora fantástica, (...) cheia de noções e sentimentos e conhecimento daquilo que estava fazendo. Acho que por essa razão ela era melhor que eu, uma grande educadora” (FREIRE; HORTON, 2003, p. 83). Se refletirmos a construção histórica de Elza, sob a ótica da educação, esse processo conduzirá a necessárias e complexas configurações¹¹ sobre ela.

Com base nas leituras voltadas à discussão do processo de dicotomia entre teoria e prática, adotamos o conceito de práxis, a união entre a teoria e a prática, conceito importante para o desenvolvimento da pesquisa e identificamos a confluência das teorias e práticas vivenciadas e experienciadas entre eles, o casal: Elza e Paulo Freire. O processo da convivência assume a perspectiva necessária para a práxis.

Essa relação de convivência e práxis denota a união que se deve estabelecer entre o que se faz e o que se pensa e o que se sente acerca do que se faz. É a união entre teoria e prática que vem do conceito marxista da práxis¹², e que com Freire (1972) na Pedagogia do Oprimido é a “ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

Possível visão de transformação relacionada a partir do momento em que o homem e a mulher sentem a necessidade de produzir algo novo, e encontram na práxis criadora o espaço que, de acordo com Vázquez (1979, p. 247), “permite enfrentar novas necessidade, novas situações” e que, então, o “novo” não significa necessariamente “outro”, pode ser produto do “novo olhar” lançado sobre coisas já vivenciadas.

Nesse contexto, convivência e pedagogia agem e interagem na educação de adultos contemporânea, influenciando o pensamento político-pedagógico mundial em torno de uma educação dialógica,

11 Elza obteve uma formação bastante diferenciada para a época, ao frequentar escolas de referência e, ao longo do percurso de formação, conviveu com importantes intelectuais e professores daquele cenário e tempo.

12 Marx designa a reação do homem às suas condições reais de existência, sua capacidade de inserir-se na produção (práxis produtiva) e na transformação da sociedade (práxis revolucionária).

libertadora e conscientizadora, sob a perspectiva Freiriana. Isso se vislumbra ao discorrermos sobre a Pedagogia da Convivência, cunhada ao se estabelecer entre Elza e Paulo Freire a convivência político-pedagógica, também amorosa.

Scott (1990) propõe conceitos que surgem como ferramentas teóricas para percebemos que as instituições sociais expressam relações sociais de gênero. Isso nos leva a pensar na formação, socialização ou educação dos sujeitos e da produção de “homens” e “mulheres” nas diferentes instituições. Com isso, a autora inaugura novo olhar para a história e a discussão sobre os estudos de homens e mulheres. Tal ferramenta teórica é potencialmente fértil para estudos em geral, e da educação em particular.

Scott (1990, p. 265) destaca que as coisas têm a função de significar algo, tal como as palavras e as ideias possuem uma história. A história da convivência de Elza e Paulo Freire e o estudo conjunto dessa convivência disponibilizam aportes que dilatam a compreensão da educação de adultos. Portanto, as considerações de Scott (1990, p. 5) – explicando que gênero, ao contrário de sexo, é socialmente construído e reflete sobre todos os aspectos da vida, incluindo sexualidade, identidade, política e divisão de trabalho – destacam que “as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles podia ser alcançada por um estudo separado”.

Propomos que discussões acerca do casal Elza e Paulo Freire e o que eles produziram juntos oferecem elementos de aprofundamento quanto à compreensão e reflexão, se discutidas sob a perspectiva da Pedagogia da Convivência. Assim, no sentido de não exclusão de um ou de outro, mas, ao contrário, de reforçar a complementaridade, defendemos que:

A educação é um ato político, e sendo político implica uma escolha... O ato político também é amoroso, pois implica num gosto numa escolha, num porque... Da mesma forma que travamos na vida a nossa luta política, em nossa vida particular também escolhemos nossas parceiras, nossos parceiros. Foi assim que Paulo escolheu e foi escolhido por Elza, sua companheira durante quarenta e dois anos. Elza era uma professora exemplar, uma educadora que influenciou Paulo, assim como Paulo a influenciou (FREIRE, L., 2001, p. 341).

Apontamos que Elza desempenhou papel tácito, ou seja, que não está declarado, mas que se subentende manifestado de maneira implícita. Além de participar das transformações que ocorreram na educação e sociedade, assume destaque com referência a Paulo Freire a partir dos pensamentos e das práxis advindas dessa convivência.

Elza é o próprio processo social, histórico, político e pedagógico.

Portanto, entendemos que esses processos, ao se organizarem, tornam-se construções dialógicas e dialéticas, que influenciam as relações sociais e os comportamentos dos homens e mulheres, das pessoas inseridas nessas configurações (ELIAS, 1994, 1998).

Paulo Freire narra de maneira afetiva, cognitiva e intelectual processos de construção político-pedagógica estabelecidos entre o casal, cuja experiência consideramos como parte constitutiva da Pedagogia da Convivência:

Descobri, por causa de Elza, que o que eu estava fazendo, quando ensinava português, era algo mais que ensinar, era precisamente educar. Não quero separar o ensino da educação. Não faz sentido. O que quero dizer é que, objetivamente, quando eu estava ensinando a Língua Portuguesa estava educando. Mas eu não sabia disso e foi Elza quem me iluminou com relação a isso. Subitamente eu comecei a juntar sonhos antigos e a reconhecer conexões entre eles. Ficou claro para mim que eu tinha um gosto por fazer perguntas, por saber, por ensinar e tive certeza de que era um educador ou que teria que me tornar um educador. Essa foi a primeira grande influência da Elza sobre mim (FREIRE; HORTON, 2003, p. 83).

A partir do momento em que aconteceu a aproximação de Elza e Paulo Freire, mediada pela Pedagogia da Convivência, se estabelece a interação do teórico (intelectual) e da prática (sentimental), inicialmente por intermédio do encontro, depois, pelo casamento. Isso possibilitou identificar como foram se estabelecendo influências, despertamento crítico e consciente de Freire. O desafio é pensar, sentir a representatividade das palavras à pesquisa.

Ao fazermos esse exercício de análise, aproximamos diferentes realidades do universo e dos cenários de Elza e Paulo Freire, onde é possível agrupar uma série de discussões com abordagens convergentes de modo a destacar a convivência como fenômeno pedagógico. Isso remete a transportá-los daquela realidade configurando-os em outras.

Entendemos ter conseguido encontrar na formação acadêmica e atuação profissional de Elza elementos que permitem a identificação de sua prática político-pedagógica, as quais se imbricaram ao pensamento Freiriano, marcado com o casamento e a união dos dois. Isso denota dizer que ao se estabelecer a Pedagogia da Convivência entre o casal, dá-se a consolidação de experiências pioneiras e inovadoras com educação de adultos, o que nos remete à gênese dessa educação no Brasil. Assim, afirmamos que Elza e Paulo Freire foram vanguardistas da educação na aludida linha de pesquisa.

Destaca Freire (2002, p. 83): “não quero separar o ensino da

educação. Não faz sentido”. Igualmente, não queremos separar Elza de Paulo e vice-versa, por isso tal citação remete à Pedagogia da Convivência e reforça os argumentos e resultados apresentados.

Ressignificando a Educação de (Jovens e) Adultos no Brasil

A pesquisa assume a perspectiva de ressignificar¹³ a educação de adultos no Brasil, pois se justifica tanto pelo caráter histórico, ao discutir fatos passados, quanto pela ponte que estabelece com o presente/futuro na construção de sociedades mais igualitárias.

Nos Cenários, entrelaçados aos percursos de Elza, foram inseridos fragmentos do real como parte dos processos que acometeram o período de 1916 a 1964, empreendendo outros significados. Daí a importância de Elza para o pensamento e a práxis Freiriana. De um lado, ela revela o princípio dialético de que toda nova realidade é gerada no seio da antiga. De outro, conota o fundamento de que todos os homens e mulheres são competentes em algo. Ninguém é nulo em tudo, bem como ninguém é competente em tudo e, por isso, todos são capazes de aprender e ensinar (ROMÃO, in FREIRE, 2001, p. XIII).

De acordo com Elza: “fizemos juntos, Paulo e eu, o trabalho de alfabetização no Nordeste [...] Então, nós pensamos: e se transferíssemos para o mundo do adulto, como seria?” (FREIRE, E., 1980, p. 230). Esse recorte é parte dos registros históricos que marcam a educação, em particular a educação de Adultos, traz o partejar de um “Método”¹⁴ que partiria dali para o mundo, revolucionando a educação. Pode-se depreender que ela é decisiva para a concepção dessa metodologia, atuando de forma ininterrupta, nas ideias e na prática.

Elza é partícipe. Isso se configura e se confirma à medida que o método investigativo e a pesquisa avança e contribui, por divulgar e analisar parte de seus “Escritos Íntimos”,¹⁵ que sustentam tais hipóteses e se apresentam como preciosidades históricas, que enriquecem descobertas e discussões no que concerne à educação e à educação de adultos, como, por exemplo:

13 Conforme Paulo Freire e o pacto populista (ROMÃO, in FREIRE, 2001, p. XIII), adotamos o termo ressignificar, pois a intenção é no sentido de que todos os seres humanos sabem e podem algo e, por isso, quando aprendem nova ideia ou adotam nova prática, estão re-elaborando uma ideia e uma prática de que já eram portadores.

14 No exílio, o casal Freire dá início a processo de amadurecimento com estudos acerca do “Método Paulo Freire”, com o caráter de assumir a partir de então outras denominações. Isso se concretiza na volta ao Brasil. Entretanto, nos primeiros anos do desenvolvimento dessa experiência para educação de adultos, ela se configura e é apresentada como “Método Paulo Freire”. Por isso, optamos por conservar essa terminologia, observando e respeitando as condições daquele momento histórico. Sugerimos remissão a Brandão (2005; 2008), Maciel (1963), Beisiegel (1974; 1982), Germano (1982), Fávoro (1983), Spigolon (2014), dentre outros.

15 Integra conjuntos e acervos de pesquisa da pesquisadora em torno da temática Elza Freire, que venho reunindo desde 2006 na forma de manuscritos (caderno, agendas, cadernetas, papéis avulsos), constituídos a partir das fontes documentais e não documentais, oficiais e não oficiais, escritas e orais, iconográficas, etc.

Pensamentos e práxis freiriana: contribuições político-pedagógicas de Elza Freire para a convivência humana

[...] Longe de compreender a realidade, a compreensão do mundo o povo tem [...] O homem que aprendeu para poder pegar o homem que enganava o trabalhador [...] Encontra as palavras geradoras. Temos o seguinte: geradora na medida que possibilita a feitura de outras palavras [...] O conhecimento viabilizador para os sentidos [...] O sentir uma certa materialidade pela sensibilidade – a percepção do objeto – registra certas percepções – pego – sinto – percebo – falo o nome do objeto [...] O medo das coisas é maior [...] Alfabetizar é montar o sistema de valores escritos, esta montagem tem que ter [...] A alfabetização é um ato político [...] Alfabetização criadora e libertadora – ele discute a sua palavra e a frase [...] (Elza Freire, S/d; S/Ed., Acervo Pessoal de Madalena Freire, cedidos à pesquisadora).

Examinando o conteúdo e a natureza do material, articulamos informações teóricas e metodológicas com experiências empíricas, evidenciando as contribuições dela. A análise inicial dos manuscritos é subsídio a um referencial teórico que evidencie a descrição das realidades político-pedagógicas em questão, para explicar fragmentos do pensamento de Elza como sendo elementos constitutivos dos trabalhos desenvolvidos por ela e pelo casal Freire.

Há manuscritos que são referências necessárias nesse contexto, sobretudo nas palavras geradoras e a alfabetização como ato político. Eles sistematizam registros em torno da História da Educação Brasileira por meio das primeiras experiências com educação de adultos, através dos registros dos pensamentos e das experiências de Elza. Fontes primárias trazem às novas gerações possibilidades de consultar materiais que tornam público e disponíveis o fomento de discussões posteriores e ampliam as já existentes.

A partir das influências de Elza em Paulo Freire criam-se novas interpretações sobre a contemporaneidade em torno dos pressupostos e dos paradigmas Freirianos.

Na tentativa de não desvincular a teoria ou a compreensão de educação do “Método Paulo Freire”, como se qualquer uma delas pudesse se sustentar sem a outra, demonstramos com o rigor e cuidado necessários sobre a criação e o desenvolvimento do “Método” nos detendo na participação de Elza para se constatar a relação estabelecida entre ambos.

Após esta experiência, foi nossa mãe Elza, que já trabalhava com educação na época, especialmente com crianças, que o convenceu a trabalhar com educação. Juntos deram os primeiros passos no trabalho com alfabetização de adultos. Começaram a utilizar o que mais tarde seria chamado Método Paulo Freire, uma metodologia diferente para alfabetizar adultos (FREIRE, 2001, p. 332).

A compreensão do “Método Paulo Freire” para ser aprofundada perpassa o conteúdo eminentemente amoroso de sua proposta de libertação e de alfabetização conscientizadora. Elza era alfabetizadora, preparada por escolas de referência, cuja experiência ocorreu em várias instituições. Paulo Freire transfere para os adultos a experiência de Elza e vice-versa. Juntos, pela convivência, o casal pensa e executa, teoriza e sistematiza esse “método”:

A Elza me traz assim pra dentro de mim para dentro da vida, me traz um baita testemunho de coragem, de luta e de amorosidade ao educando. E ela tem tido, e continua tendo, uma experiência que eu não tinha, que eu nunca tinha tido, que é uma das minhas deficiências, que o Freinet não teve: nunca fui professor primário, e há de convir que hoje não dá mais pra ser (FREIRE apud LYRA, 1996, p. 177).

No conjunto dessas discussões não se observava Elza com significância entre os colaboradores, sendo que ela esteve presente, participando desde o início, nem se aventou como agora suas contribuições. Como ela própria, literalmente, afirma: “fiquei com a parte metodológica, com a elaboração da coisa” (FREIRE, E., 1980, p. 203), o que se confirma pelo filho conjugando as palavras da mãe às do pai:

O Método Paulo Freire nasceu de ambos. Inicialmente com uma forte contribuição de Elza. Ela tinha experiência em educação, principalmente com crianças. Fora professora primária no Recife e mais tarde diretora de escola. Foi ela que convenceu Paulo a seguir a carreira de educador (FREIRE, L., 2001, p. 341).

Pensar os tempos e os espaços das contribuições e influências de Elza para esse momento histórico na vida e obra de Paulo Freire reflete a necessidade de ressignificar a educação de adultos incorporando a participação de Elza nesse processo. Quando se dá a consolidação das experiências com adultos analfabetos ou pouco escolarizados é a gênese dessa educação no Brasil, que depois se espria por todo o mundo. Portanto, elas viabilizaram:

As pesquisas, os estudos teóricos que fiz, com efetiva colaboração de Elza, minha primeira mulher, naqueles dez anos, viabilizaram o que veio a se chamar Método Paulo Freire. No fundo, muito mais uma compreensão dialética da educação do que um método de alfabetização (FREIRE, 2003, p. 86).

No recorte: “[...] descoberto mais Homens a partir da discussão do conceito antropológico de cultura ganhavam e iam ganhando cada vez mais segurança emocional, no seu aprendizado, que se refletia na sua

atividade motora” (FREIRE, E. in FREIRE, 2006 a, p. 127), Elza descreve o conteúdo do seu conceito antropológico de cultura, a distinção entre o mundo da natureza e o mundo da cultura e o destaque ao papel ativo do homem sobre a realidade criando cultura, seria o conteúdo mais adequado para auxiliar o analfabeto a superar a sua compreensão ingênua do mundo e desenvolver uma postura crítica diante da realidade.

Realidade também de efervescência social, que eclode com a intolerância no poder, quando o ano era 1964 e aconteceu o golpe que depôs o Governo João Goulart, instaurou a ditadura no Brasil e, como consequência do terrorismo de Estado, forçou ao exílio.

Em seguida, advieram perseguições, fugas, prisões, clandestinidades, exílios, numa demonstração do poder autoritário e do aparato repressivo do Estado instaurado.

Ela foi professora, depois diretora, mas teve aí um gesto lindo que foi, depois do golpe, a solidariedade absoluta que ela teve comigo. Elza ia me visitar na cadeia e nunca disse: “Você está vendo, Paulo, se você tivesse pensado mais...” Nunca! Quer dizer, ela foi solidária, absolutamente solidária (FREIRE, 2005, p. 288).

Os Freires, Elza, Paulo e seus filhos, se inserem no contingente de brasileiros que são diretamente afetados pelas injunções desse processo político e sócio histórico. Mas, Paulo

entretanto, resistia a sair do Brasil. Nós próprios, eu e Argentina Rosas, participamos de um esforço no sentido de lhe mostrar os riscos que estaria sujeito se insistisse em permanecer: Paulo e Elza se encontravam, então, num local reservado, em Casa Caiada, Olinda. Lembro que, diante da decisão de permanecer no Brasil, aparentemente inabalável, Elza me chamou à parte e disse: “Vocês ficam aqui até de manhã, mas que ele sai, sai”. Ficamos menos intranquilos (ROSAS, 2003, p. 29).

As ações dessa mulher descortinam um movimento pendular e peculiar que faz como que um retroceder no tempo para avançar e mostrar a utopia no cárcere e o exílio político no horizonte com a partida de Paulo Freire e despedida de Elza e os filhos. Permanece a sensação amarga e sombria de ter sido um ano que não acabou – 1964 vive!

Elza influenciou e concretizou com Paulo Freire seus desafios e suas utopias, desde os primeiros tempos em Recife, depois compartilhou o exílio pelo mundo, até o retorno ao Brasil. Elza muito mais que companheira amorosa, esposa dedicada e profissional competente, exerceu grande e decisiva influência no pensamento e na práxis Freiriana, bem como deixou contribuições para a educação brasileira e a educação de adultos.

(In) Conclusões

Em Recife, Elza se torna professora em 1935 e Paulo Freire advogado em 1946 e por influência dela é levado para área da educação, particularmente para a educação de adultos.

Demonstramos e analisamos diferentes momentos de uma convivência político-pedagógica e amorosa iniciada em meados de 1940, entremeados de toda a efervescência do período, fortemente marcado pela força dos movimentos sociais e de cultura popular, com variáveis e resultantes de ideias e trabalhos compartilhados, através dos quais o ápice se dá com a sistematização do “Método Paulo Freire”, o que nos remete à gênese da educação de adultos no Brasil, drasticamente interrompidos pelo golpe civil-militar de 1964.

Assim, uma das primeiras descobertas feitas com o referencial Freiriano e que se aprofunda com a inserção de Elza é que não se trata apenas de um método de alfabetização e sim de princípios e valores que passam a nortear sua forma de pensar, agir e sentir. Portanto, um dos desafios da “Pedagogia da Convivência” é criar e assumir a partir desse referencial o compromisso de transformar o mundo e se transformar mediatizado pela educação, aprender e ensinar no encontro de um processo político e pedagógico mútuo a partir das relações e redes de interações que os sujeitos estabelecem consigo e com o outro, considerando os limites e as possibilidades de tempo, espaço, classe, gênero, religiosidade, geração, opções culturais.

Os percursos de vida de Paulo Freire estão inscritos no imaginário pedagógico do século XX, constituindo uma referência obrigatória para várias gerações, principalmente as de educadores. Importante é sublinhar devidamente as contribuições de Elza, como partícipe desses percursos, essencial para pensar e agir nessas configurações e para além delas. É uma reflexão que apontamos como perspectiva crítica e analítica para então problematizar que, se não fosse Elza, quais seriam os percursos? Qual a história que teríamos? Como e quais seriam o pensamento e a práxis Freiriana? E quais os seus significados?

Quisemos demonstrar como esses percursos, a partir de Elza, produziram uma memória e que, no entrecruzamento das diversas fontes de pesquisa os processos de construção do pensamento e práxis Freiriana, ocorreram simultaneamente e contaram com as contribuições político-pedagógicas e amorosas dela inseridas numa dimensão da convivência humana, com inflexões e também com possibilidades de emancipação.

Elza foi mais do que uma companheira de todas as horas de Paulo Freire. Ao seu lado, despertou no marido a vocação para o trabalho com educação e a militância humanitária, influenciou e participou

de forma decisiva para a sistematização das propostas político-pedagógicas Freirianas, concretizou com ele utopias, enfrentando juntos adversidades, desde os primeiros tempos em Recife, depois, os longos anos de exílio pelo mundo, até retornarem ao Brasil, quando representou perda, saudade e profunda dor em 1986.

Por fim, o caráter de (in) conclusão que envolve o metiê acadêmico diante do inexorável fato de que somos incompletos, pois como destaca Paulo Freire “aí se encontram as raízes da educação, mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão que dela têm. Daí que seja a educação um fazer permanente” (FREIRE, 2006, p. 73), complementando Elza que: “a pessoa humana é algo concreto e não uma abstração” (FREIRE, Elza, apud Freire, 1978, p. 39). Ambos se completam e se complementam numa perspectiva do diálogo, da dialética e da convivência humana.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. M. **Paulo Freire e a arte-educação**. In: VALE, Maria José (Org.), Paulo Freire, educar para transformar: almanaque histórico. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.
- BARRETO, V. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.
- BEISIEGEL, C. de R. **Estado e educação popular**. São Paulo: Pioneira, 1974.
- _____. **Política e educação popular** (a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil). São Paulo: Ática, 1982.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, P. **A casa ou o mundo às avessas**. In: Mariza Corrêa (Org.). Ensaio sobre a África do Norte. Textos Didáticos, Campinas: IFCH/Unicamp, n. 46, p. 89-112, 2002.
- _____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- _____. **Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. **Envolvimento e distanciamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

FÁVERO, O. **Cultura popular, educação popular, memória dos anos 60**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FREIRE, Elza. **Manuscritos**, S/d; S/Ed. In: Escritos Íntimos. Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

_____. **Setembro de 1977**. In: COSTA, A. O. et. al. (Orgs.). Memórias das mulheres do exílio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. In: FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. In: FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2006 a.

FREIRE, L. C. **Homenagem à memória de Paulo Freire** (mimeo). São Paulo, Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALSP), 2005.

_____. **Paulo Freire por seu filho**. In: SOUZA, A. I. (Org.) Paulo Freire: Vida e Obra. São Paulo: Expressão Popular Ltda, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2005.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Porto: Afrontamento, 1972.

_____. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **O educador**: vida e morte. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1983.

_____; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

_____; GUIMARÃES, S. **Aprendendo com a própria história**. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. In: LYRA, C. **As quarenta horas de angicos:** uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.

_____; MACEDO, D. **Alfabetização leitura do mundo leitura da palavra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GERMANO, J. W. **Lendo e aprendendo:** a campanha “de pé no chão também se aprende a ler”. São Paulo: Cortez, 1982.

HADDAD, S. **Estado da arte da Educação de jovens e adultos.** Trabalho encomendado. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23ª, Caxambu, 2000.

LOURO, G. L. **Gênero, história e educação:** construção e desconstrução. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, jul/dez. 1995.

MACHADO, M. M. **A prática e a formação de professores na EJA:** uma análise de dissertações e teses produzidas no período de 1986 a 1998. In: Reunião Anual da ANPED, 23ª, Caxambu, 2000.

MARX, K. **Para a crítica da economia política.** Trad. J. A. Giannotti e E. M. In: GIANNOTTI, J. A. (Org.). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MELO, Doralice de. **Fotografia do casal Freire:** Elza e Paulo, no casamento de Bila (irmã de Elza Freire). Recife, Brasil, 1955. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

MONTEIRO, R. A. (Org.) **Fazendo e aprendendo pesquisa qualitativa em educação.** Juiz de Fora: FEME, 1998.

NÓVOA, A. **Inovação e história da educação.** In: Teoria & Educação, nº 6. Porto Alegre: Pannônica Ltda, 1992.

ORNELAS, A. L. **Elsa Maia Costa de Oliveira, Elsa Freire.** Cuernavaca/México, 1987. Datilografado, cedido à pesquisadora.

RIBEIRO, V. M. **A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 20, n. 68, p. 184-201, dez. 1999.

ROMÃO, J. E. **Contextualização:** Paulo Freire e o Pacto Populista. In: FREIRE, Paulo, Educação e Atualidade Brasileira. São Paulo: Cortez, 2001.

ROSAS, P. **Papéis avulsos sobre paulo freire,** 1. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003.

SANTIAGO, M. E. **A presença de Elza Freire em Paulo Freire.** In: Um olhar sobre Paulo Freire a partir da realidade cultural do Nordeste Brasileiro. Recife: NUPEP, 2000.

_____. **Sobre Elza** (Texto preliminar para discussão). Recife: Datilografado, 1987.

SCOCUGLIA, A. C. **A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas.** João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2001.

SCOTT, J. W. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. In: Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, jul/dez. 1990.

SILVA, I. M. **Elza.** In: SANTIAGO, Maria Eliete. Sobre Elza (Texto preliminar para discussão). Recife: Datilografado, 1987.

SOARES, L. **Educação de Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SPIGOLON, N. I. **Pedagogia da convivência:** Elza Freire – uma vida que faz Educação. 2009. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

_____. **As noites da ditadura e os dias de utopia** – o exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979. 2014. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis.** Trad. L. F. Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Recebido em: 20/07/2014

Aprovado em: 24/11/2014